

Olá, Maria querida

em o texto.

Por aqui chover intensas,  
marginal cheio,

G.E.  
Laboratório de  
agraria  
21/07

⇒ p. 15 || Introdução - Homens Livres na  
ordem escravocrata  
↓ Crit. à mag. de Tradicional

# A IDEOLOGIA ALEMÃ

Karl Marx e Friedrich Engels

Tradução  
LUIS CLAUDIO DE CASTRO E COSTA

Seijo  
Wise

Martins Fontes  
São Paulo 2002

## Índice

Esta obra foi publicada originalmente em alemão com o título  
**DIE DEUTSCHE IDEOLOGIE (ERSTER TEIL)**  
Copyright © 1989, Livraria Martins Fontes Editora Ltda  
São Paulo, para a presente edição

1ª edição  
agosto de 1989  
2ª edição  
abril de 1998  
3ª tiragem  
novembro de 2002

Tradução a partir da versão francesa  
**LUIS CLAUDIO DE CASTRO E COSTA**

Revisão técnica  
Valdirizar Pinto do Carmo  
Mauro de Queiroz  
Revisão da tradução  
Monica Stahel  
Revisão gráfica  
Andréa Stahel M. da Silva  
Produção gráfica  
Geraldo Alves  
Paginação/Fotolitos  
Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marx, Karl, 1818-1883.  
A ideologia alemã / Karl Marx e Friedrich Engels : [introdução  
de Jacob Goreneder] ; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. -  
São Paulo : Martins Fontes, 1998. - (Clássicos)

Título original: Die Deutsche Ideologie (Erster teil)  
ISBN 85-336-0820-9

1. Comunismo 2. Engels, Friedrich, 1820-1895 3. Feuerbach,  
Ludwig, 1804-1872 4. Ideologia 5. Marx, Karl, 1818-1883 6. Ma-  
terialismo histórico I. Engels, Friedrich, 1820-1895 II. Goreneder,  
Jacob, 1923- III. Título IV. Série.

97-5739 CDD-193

Índices para catálogo sistemático:  
1. Engels : Obras filosóficas 193  
2. Feuerbach : Obras filosóficas 193  
3. Marx, Karl : Obras filosóficas 193

Todos os direitos desta edição para a língua portuguesa reservados à  
**Livraria Martins Fontes Editora Ltda.**  
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340 01325-000 São Paulo SP Brasil  
Tel. (11) 3241-3677 Fax (11) 3105-6867  
e-mail: info@martinsfontes.com.br http://www.martinsfontes.com.br

<i>Introdução - O nascimento do Materialismo Histórico</i> .....	VII
<i>Cronologia</i> .....	XLI
<i>Nota desta edição</i> .....	XIV
<b>A IDEOLOGIA ALEMÃ</b>	
<i>Prefácio</i> .....	3
<b>FEUERBACH - OPOSIÇÃO ENTRE A CONCEPÇÃO MATERIALISTA E A IDEALISTA</b>	
<i>Introdução</i> .....	5
A. A ideologia em geral e em particular a ideologia alemã.....	-
B. A base real da ideologia.....	55
C. Comunismo - Produção do próprio modo de trocas.....	87
<b>ANEXO - TESES SOBRE FEUERBACH</b> .....	99
<i>Notas</i> .....	105

## Introdução

### O Nascimento do Materialismo Histórico

Jacobs Gervander

Pertence ao consenso geral dos estudiosos do marxismo a tese de que *A Ideologia Alemã* assinalou o nascimento do materialismo histórico, teoria e metodologia da ciência social associada aos nomes de Marx e Engels. Louis Althusser apontou nessa obra o corte epistemológico, que separa a fase pré-marxista do pensamento de Marx e Engels da fase propriamente marxista, na qual trabalhavam com sua teoria original.

O problemático na ideia do corte epistemológico, tal como o apresenta o filósofo francês, consiste na ausência de explicação do porquê e do como se deu a passagem de uma fase a outra. As duas aparecem absolutamente separadas e estranhas entre si, uma vez que, em ambos os casos, se trata de estruturas fechadas. Não se vê de que maneira a primeira fase preparou a seguinte, na qual elementos precedentes se eliminam ou se conservam transformados. O corte epistemológico althusseriano destaca acertadamente a descontinuidade, porém esta se expõe como resultante de um ato de criação sem história, na medida em que se omite o outro lado do processo, o da continuidade.

Na verdade, em 1845-1846, quando redigem em parceria o manuscrito de *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels

já haviam percorrido longo caminho de elaboração teórica e de prática política, apesar de se encontrarem ainda na terceira década da existência. Ambos já eram senhores de vasto acervo cultural submetido à reformulação por uma crítica poderosa e ambos se achavam imersos, de corpo e alma, na agitação política de um momento de virada na história européia do século passado.

### 1. Do Hegelianismo de Oposição ao Socialismo Utopico

Nos cursos de Direito, Filosofia e História, que concluiu na Universidade de Berlim, o jovem Marx se integrou na vida intelectual e política, dentro da qual se fortaleciam tendências de oposição à monarquia absolutista da Prússia. Já predisposto pela influência paterna, impregnada do iluminismo francês, o estudante Marx se fez também opositorista e assumiu a ideologia alemã da qual vinha a ser o crítico mais radical.

A oposição à monarquia absolutista crescia no interior dos quadros da filosofia idealista clássica, particularmente da escola de Hegel, cujo estatuto era o de filosofia oficial. Satisfazia à monarquia na medida em que exaltava o Estado como o reino da Razão, mas também se-duzia a oposição, enquanto acenava com o ideal do constitucionalismo.

Comprimida pela censura governamental, a oposição atacava o regime político de viés, visando ostensivamente não ao Estado, mas à religião associada ao Estado. Esta linha de ataque indireto se iniciou com a Vida de Jesus, de David Friedrich Strauss, publicada em 1835 e propulsora de estudos da história do cristianismo.

A primeira concepção filosófica de Marx não podia deixar de ser idealista. Assimilou a ética do imperativo categórico de Kant e o princípio da atividade subjetiva de Fichte. Aceitou a Idéia hegeliana na versão que lhe davam os jovens hegelianos, isto é, os hegelianos de oposição.

Se Marx devia começar sua trajetória filosófica pela filosofia idealista dominante, não o fez sem imprimir já neste ponto de partida características pessoais, que se desenvolveriam através de sua vida. As características da crítica sempre desperta e do impulso para a prática.

O enoque crítico era estimulado pelo próprio fato da desagregação da escola hegeliana. Dentro dos quadros dela, as orientações divergiam e as discussões se acentuavam, conforme se privilegiava este ou aquele aspecto do sistema (a Substância, a Autoconsciência etc.).

Pela primeira vez na história da filosofia, precisamente na obra hegeliana, a dialética adquiriu formulação consciente e sistemática. Marx se sentiu atraído especialmente pela dialética, cuja marca percorre sua tese de doutorado sobre a Diferença da Filosofia da Natureza em Demócrito e Epicuro. Significativa a escolha da dissertação acerca de dois filósofos materialistas, quando o mestre Hegel simplesmente afirmava a impossibilidade lógica de uma filosofia materialista. Enquanto o mestre havia sido fortemente depreciativo com relação a Epicuro, o candidato à láurea acadêmica descobriu no materialista grego a idéia da dialética dos átomos, o que discrepava da negação da dialética da natureza pelo autor da Ciência da Lógica. Escrita em (1839) a tese conferiu ao seu autor, dois anos depois, o título de doutorado pela Universidade de Jena.

Marx não seguiu, porém, a carreira universitária. Em 1841, ingressou na Gazeta Renana, da qual veio a assu-

mir a chefia da redação. Editado em Colônia, o jornal exprimia a orientação da burguesia liberal no período em que se acumulavam as forças propulsoras da revolução democrático-burguesa na Alemanha.

Em 1843, após numerosos atritos com a censura, a Círculo Renana teve a circulação proibida. No entretempo, seu redator-chefe passou por um curso prático de política. Deixou-se com o Estado no cotidiano de sua ação perante a sociedade e tomou conhecimento de fatos demonstrativos da íntima relação entre economia (direito) e política. Impressionou-o, por exemplo, que a livre coleta de lenha pelos camponeses nos antigos bosques comunais, segundo a lei consuetudinária feudal, se convertesse em crime de furto pela nova legislação inspirada no princípio burguês da propriedade privada, sob a proteção dos agentes do Estado.

Douttrinas Socialistas (UTÓPICAS) Francesas

A atividade jornalística também impôs a obrigação de pronunciamento acerca das correntes socialistas. Marx se declarou adversário delas, ao mesmo tempo reconhecendo sua ignorância a respeito de tais doutrinas. Estas se difundiam na Alemanha, apesar do atraso industrial do país e do caráter pouco mais do que incipiente do seu proletariado. Eram doutrinas vindas da França e associadas aos nomes de Fourier, Proudhon, Saint-Simon e outros. Variantes todas do socialismo como ideal antiburguês desprendido das lutas econômicas e políticas das massas trabalhadoras e caracterizadas pelo mesmo caráter utópico. Os próprios alemães já possuíam uma literatura socialista com Weiting, Moses Hess e Karl Grün. A partir de 1843, Marx se aproximou das seitas socialistas e, em Paris, entrou em contato pessoal com Proudhon. Incorpora-se, então, ao seu pensamento a idéia,

que seria a mais dinâmica para o trabalho teórico: a idéia do proletariado enquanto classe mais explorada e, por isso mesmo, mais revolucionária. Aquela capacidade para emancipar a sociedade da divisão em classes e recuperar para os homens a verdadeira vida comunitária e a plena realização individual.

Pouco mais jovem do que Marx e independente dele, Friedrich Engels havia chegado por caminho diverso à mesma conclusão sobre o caráter revolucionário do proletariado. Filho de um industrial têxtil que o queria comprometido com a carreira comercial, Engels ficou impedido de seguir o curso universitário e se limitou a assistir conferências como aluno-ouvinte. Tomou partido pela oposição à monarquia absolutista e percorreu o trajeto intelectual do hegeliano de oposição. Mas suas viagens à Inglaterra, a serviço da firma paterna, o puseram cedo em contato com o movimento operário e com as idéias socialistas, no que se antecipou a Marx. Trouxe relações pessoais com os líderes do partido cartista inglês e passou a colaborar nos seus jornais. Também mais cedo do que Marx, tomou conhecimento da Economia Política inglesa, na qual viu a expressão dos interesses de classe da burguesia e da qual, a princípio, recusou o núcleo categorial. Ou seja, o conceito de valor-trabalho. A afinidade de pensamento aproximou Marx e Engels, desde seu primeiro encontro em 1844. Entre ambos, estabeleceu-se uma colaboração íntima e intensa, que se prolongaria até a morte de Marx, quarenta anos depois.

## 2. A Influência de Feuerbach

Quando se encontraram pela primeira vez em Paris, Marx e Engels haviam passado pelo impacto de extraor-

Produção de valor em classes de trabalho

EPI  
↓  
Valor Trabalho

dirigiu acontecimento intelectual para a Alemanha da época. Em 1841, Ludwig Feuerbach publicava *A Essência do Cristianismo*. Em 1843, vinha à luz *Fundamentos para a Filosofia do Futuro*.

A primeira obra prosseguia na linha inaugurada por Strauss de investir contra o regime político dominante de viés, através do ataque à religião cristã oficial. Mas o fazia com radicalismo, com a defesa aberta do ateísmo, com a adoção sem subterfúgios do materialismo. Tratava-se também de ataque contundente ao sistema idealista hegeliano, até então submetido a interpretações divergentes, que disputavam entre si a verdade do sistema e não sítam dos seus limites. Agora, afinal, ele era ultrapassado e o pensamento filosófico podia se desenvolver fi sobre o terreno do materialismo e não do idealismo.

Em *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach inventou o significado do que Hegel chamava de alienação do processo pelo qual a ideia Absoluta se fazia Ser-Outro na natureza e se realizava dialeticamente nas obras do Espírito (religião, filosofia, moral, direito e Estado). Para Hegel, alienação significava objetivação e enriquecimento. Tratando do Deus da religião cristã, Feuerbach dizia que era uma criação do próprio homem. O homem se objetiva em Deus e nele projeta suas melhores qualificações: amor, bondade, sabedoria, justiça. Tanto mais o homem empobrece sua essência quanto mais Deus se enriquece com os atributos dela. A essência de Deus é a essência alienada do homem. A objetivação alienada não é enriquecimento, mas empobrecimento. A crítica da Teologia se funda na Antropologia. Submetido a Deus, sua criação, o homem se cinde, se separa dos outros homens, isola-se do seu gênero natural (*Gattung*). Libertar-se

desta ilusão é necessário a fim de recuperar a essência humana alienada e restabelecer a comunidade verdadeira do gênero humano. O homem é o Deus do homem. No reconhecimento desta verdade estava a grande virada libertadora da história.

Feuerbach dirigiu contra Hegel a crítica acerca da concepção desta, que imaginava um Deus abstrato, despedido de predicados antropomórficos. O panotismo hegeliano colocava sobre a religião o disfarce especulativo. A existência sem essência é o mesmo que inexistência. A essência de Deus são seus predicados, nos quais se compreendia a essência humana objetiva.

Nos *Fundamentos para a Filosofia do Futuro*, Feuerbach desenvolveu o materialismo sob a forma de humanismo naturalista. Preso à categoria de religião, que considerou consubstancial à história humana, propôs substituir a religião cristã pela religião da humanidade. A religião do homem recuperado enquanto gênero natural, cuja manifestação suprema é o amor sexual. O materialismo se apresentava como humanismo naturalista do homem à sua verdadeira natureza gênero e realizador de suas potencialidades na comunidade do gênero natural. O que implicava o desprezimento das alienações que criam o homem consigo mesmo e o separavam dos demais indivíduos do seu gênero.

Marx e Engels acolheram com entusiasmo as ideias de Feuerbach e, por seu intermédio, fizeram a transição ao materialismo. Como não podia deixar de ser naquele momento, aceitaram o materialismo sob a forma que lhes apresentava Feuerbach: a do humanismo naturalista. Contudo, assim como não foram hegelianos por inteiro, Marx e Engels não aceitaram Feuerbach com ex-

Handwritten notes and corrections in the bottom margin, including the name 'Feuerbach' and various underlines and arrows.

rito de ortodoxia. Conservaram elementos anteriormente adquiridos: a dimensão ética recebida de Kant e, sobretudo, a dialética de Hegel. Nela não enxergando senão especulação idealista. Feuerbach a deixara completamente à margem. Marx e Engels iniciaram profundo processo de reelaboração da dialética hegeliana, que resultará numa revolução filosófica: a integração do princípio da dialética no corpo do materialismo e a reconstrução deste como materialismo dialético.

### 3. O Processo das Transições

De 1843 a 1846, quando se conclui a redação de A Ideologia Alemã, os escritos de Marx se caracterizam pela influência desses vetores de sua formação cultural, os quais vão se depurando e amalgamando numa nova concepção.

Desta fase, são os escritos de Marx: Critica da Filosofia Hegeliana do Direito Público, A Questão Judaica, Introdução à Critica da Filosofia do Direito de Hegel e os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844. O primeiro e o último somente seriam publicados postumamente, já em nosso século. Quanto a Engels, publicou, em 1844, o Esboço à Critica da Economia Política.

Ainda que não pertencessem a nenhuma organização revolucionária, pois somente em 1847 é que ingressaram na Liga dos Justos (no mesmo ano, rebatizada de Liga dos Comunistas), Marx e Engels já atuavam em estreito contato com numerosas entidades e correntes do movimento operário de vários países da Europa ocidental. Assim, o surgimento do marxismo não se dá, conforme tem sido costume afirmar, de fora do movimento

operário, mas de dentro dele. Já é como intelectuais orgânicos da classe operária que Marx e Engels subtraem dela algo contrário a ela, ou seja, a expressão teórica dos interesses de classe do proletariado. Não se trata de acontecimento puramente intelectual, mas também de acontecimento sócio-político de significação histórico-mundial.

O processo de avanço do pensamento marxiano se dá não só na direção do rompimento com o sistema de Hegel, porém, ao mesmo tempo, do rompimento com os joventes hegelianos, uma vez que estes continuavam no plano do idealismo filosófico e adotavam a perspectiva da revolução liberal-burguesa. Dentre esses joventes hegelianos, são os irmãos Bauer os mais visados, especialmente Bruno Bauer, que fazia da Consciência Crítica (inalcancável pelas massas trabalhadoras) o sujeito da revolução. A Questão Judaica põe à luz a divergência básica de Marx com os joventes hegelianos e proclama a estreiteza da revolução burguesa (emancipação puramente política) em face da universalidade da revolução proletária (emancipação humana total).

Mas o terreno sobre o qual se assenta a crítica marxiana ainda é o do humanismo naturalista de Feuerbach, identificado com o objetivo da revolução proletária. Ao mesmo tempo, os giros expositivos são de nítida inspiração hegeliana, o que denuncia o apego marxiano à dialética e o esforço em progresso no sentido de sua reelaboração materialista. Enquanto este esforço não se ultima, mantém-se o comunismo concebido como escatologia e a história aparece direcionada por uma teleologia por um finalismo redentor. Mantém-se a dimensão ética

Emancipação  
como  
princípio ético

procedente da razão prática de Kant. Crítica do capitalismo e perspectiva socialista encontram sua justificação nos princípios éticos da emancipação da humanidade enquanto entidade suprema para os indivíduos humanos.

Os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 - 86 publicados em 1932 e nos quais Marx nunca fez referência - contém a crítica da sociedade burguesa vista na expressão teórica da Economia Política, principalmente a das obras de Adam Smith, David Ricardo e J. B. Say. A crítica da Economia Política segue-se uma exposição do comunismo enquanto realização do humanismo natural, enquanto recuperação da natureza genética pelo homem. O homem da sociedade comunista será o homem total livre das alienações e mutilações impostas pela divisão do trabalho reinante na sociedade burguesa e apto a realizar suas múltiplas potencialidades. A parte final dos Manuscritos é a da crítica da dialética hegeliana enquanto especulação idealista. Desteta a especulação, já despoja a dialética materialista.

No rascunho inédito, o socialismo ainda não tem base na concepção científica da história. Daí a inspiração ética da argumentação. Mas é evidente que Marx se encontra bem próximo da concepção científica da história e, por conseguinte, da superação do socialismo utópico.

Neste momento particular, a aproximação se deveu a Engels. O seu Esboço à Crítica da Economia Política deixou Marx fascinado, a ponto de, mais tarde, qualificá-lo de genial. Tratava-se da abertura de novo campo do saber social, pelo qual Marx se sentiu atraído e por dentro do qual começou a avançar impetuosamente. Assim como Engels, também Marx rejeitou a teoria do valor-trabalho e viu na Economia Política a justificação da con-

Hist. Genética  
Utopia

Humanidade  
Total (material?)  
Alienação

consciência ilimitada e impiedosa entre os homens, a con-sagração da alienação das forças sociais no poder do capital. O estudo continuado da Economia Política clássica o levará à aceitação posterior da teoria do valor-trabalho. A aceitação se torna explícita na Miséria da Filosofia, obra de 1847 de polémica contra Proudhon.

O momento de transição, em que se gesta o marxismo, foi também marcado pela leitura apaixonada das produções da Historiografia. Sob esse aspecto, a conquista mais avançada vinha dos historiadores franceses da época da Restauração (Thierry, Mignet, Guizot e Thiers), que descobriram na luta de classes entre a aristocracia e a burguesia a chave explicativa da Revolução Francesa e das lutas políticas subsequentes.

Em princípio de 1845, veio à público A Segunda História, primeira obra em que Marx e Engels aparecem como co-autores. O alvo são os irmãos Bauer (Bruno, Edgar e Egbert), mas a crítica aos jovens hegelianos nos deu ensejo a ampla exposição da história da filosofia materialista. Os co-autores ainda se mostram adeptos do materialismo antropológico de Feuerbach, ao tempo em que seus conhecimentos e seu processo discursivo já lhes permitem superá-lo.

Sem dúvida, estavam acumulados os elementos essenciais para um salto na história do conhecimento social. Contudo, como enfatiza justamente Joseph Fontana, o materialismo histórico de Marx e Engels não é soma ou síntese de elementos anteriores. Não surgiu, sem dúvida, no vazio cultural, porém trouxe uma visão profundamente nova do desenvolvimento da sociedade humana e um novo projeto de lutas sociais com vistas à transforma-

Comunismo  
Stefano

Teoria  
Valor-trabalho  
Da Hist. F.  
a Imp.  
Hist. de

ção radical da sociedade existente. O que conta não é tão somente identificar a procedência dos ladrilhos, mas ressaltar o autor do plano do edifício.

Se Genealogia do Mat. Hist. → o conhecimento é uma constante dialéctica relativa

#### 4. O Materialismo Histórico em sua Primeira Formulação

Em meados de 1845, Engels viajou a Bruxelas, onde Marx residia na ocasião. Puseram-se de acordo para a feitura de uma obra de crítica às tendências ideológicas burguesas, que disputavam a consciência operacionista germânica, bem como às concepções utópicas do socialismo. A contraposição positiva da crítica seria a exposição de uma teoria da história, que se apresentava como científica e que seria proposta como novo fundamento para a luta emancipadora pelo comunismo.

Escrevendo mais tarde, com sua exemplar modestia, Engels afirmou que o materialismo histórico era uma descoberta de Marx. Uma das suas duas maiores descobertas, a outra sendo a da mais-valia. Marx chegara de maneira independente ao materialismo histórico e ele, Engels, não tivera senão parte pequena nesta façanha. Se é verdade que o mérito maior cabe a Marx, a modestia de Engels esconde a magnitude de sua contribuição. Como foi visto, o seu escrito *Esboço à Crítica da Economia Política* exerceu decisiva influência sobre o grande companheiro, além do que Engels possuía a visão direta da sociedade inglesa e do seu movimento operário, o que lhe permitia formar uma idéia concreta do capitalismo no país mais desenvolvido daquela época.

No final de 1846, o grosso manuscrito se achava concluído, conquanto não tivesse redação final. Conforme

relatou Marx, no Prefácio à sua obra *Para a Crítica da Economia Política*, publicada em 1859, os co-autores foram informados da impossibilidade imediata de impressão. Desistiram dela, mas sem amargura:

"Abandonamos tanto mais prazerosamente o manuscrito à crítica roedora dos ratos, na medida em que havíamos atingido nosso fim principal: ver claro em nós mesmos."

Com efeito, Marx e Engels passaram a limpo sua própria ideologia anterior e a superaram: quando extraíram deste balanço implacável a nova concepção do processo histórico.

A *Ideologia Alemã* só teve publicação quase um século depois, em 1933, simultaneamente em Leipzig e Moscou.

Tal qual chegou até nós – poupado à crítica roedora dos ratos –, o manuscrito ainda estava na fase da primeira redação, com numerosos trechos riscados e anotações marginais. Deveria servir de matéria-prima para a redação definitiva. No entanto, mesmo nesta fase de rascunho, o manuscrito contém longas exposições coerentes e concatenadas, que lhe conferem boa legibilidade. Com a peculiaridade adicional de revelarem o avanço discursivo em processamento anterior à fixação formal.

A *Ideologia Alemã* se divide em três partes: respectivamente dedicadas à análise do pensamento em determinados personagens: Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner.

A primeira parte – intitulada *Feuerbach* – é a mais divulgada em separado, uma vez que contém o esboço do materialismo histórico. Assinala o rompimento de Marx e Engels com o materialismo antropológico daquele filósofo.

fo, sobre o qual, ao contrário do esperado, apresenta escassas páginas. Por isso mesmo, em consideração à divida que tinham para com ele, Engels lhe dedicou uma análise especial numa obra de 1888 - Ludwig Feuerbach e o fim da Filosofia Clássica Alemã. Engels aproveitou a edição dela para dar publicação póstuma às onze Teses Sobre Feuerbach, escritas por Marx à época em que se via às voltas com A Ideologia Alemã. Não mais do que anotações a serem desenvolvidas, redigidas, portanto somente para uso próprio, as Teses contêm síntese soberba dos fundamentos epistemológicos do materialismo histórico.

A presente edição reproduz a primeira parte de A Ideologia Alemã e as Teses Sobre Feuerbach.

As partes seguintes encerram interesse principalmente polémico. Bruno Bauer era o representante mais destacado da esquerda hegeliana, tendo feito contribuição importante no âmbito da história do cristianismo. Opositor do absolutismo prussiano, mantinha-se no terreno do idealismo filosófico e da perspectiva da revolução burguesa. Max Stirner ficou célebre por dar ao idealismo a configuração do mais extremado individualismo, do homem como Único, absoluto no seu egoísmo. Engels escreveu que Bakunin partiu de Stirner e de Proudhon e à doutrina que extraiu da fusão de ambos deu o nome de anarquismo.

Igualmente em rascunho ficou uma extensa crítica ao "verdadeiro" socialismo de Karl Grün, então prestigladora do socialismo utópico francês com uma fraseologia abstrata e vazia, cujo anticapitalismo expressava as posições regressivas da pequena burguesia.

Stirner  
Bakunin  
Proudhon

### 5. Conceito de Ideologia

O significado conferido por Marx e Engels ao termo ideologia constitui questão-chave na reviravolta representada pela primeira formulação do materialismo histórico.

A palavra ideologia remonta à corrente sensualista do pensamento francês. De Destutt de Tracy, uma das figuras destacadas desta corrente, é o livro Elementos de Ideologia, publicado em 1804. A ideologia seria o estudo da origem e da formação das idéias, constituindo-se numa ciência propedêutica das demais.

Para Marx e Engels, a questão das idéias se colocava no quadro do sistema de Hegel. Aí, a Idéia é o sujeito, cujo predicado consistia nas suas objetivações (a natureza e as formas históricas da realidade social). Em A Essência do Cristianismo, Feuerbach inventou a relação, ao fazer do homem natural o sujeito. As idéias religiosas, a começar pela de Deus, seriam objetivações dos predicados do sujeito humano. Por conseguinte, objetivações de sua essência.

Marx e Engels saltaram sobre as fronteiras da religião, dentro das quais se compunha Feuerbach, para o terreno da história universal. Do ponto de vista materialista, o sistema hegeliano devia ser revirado. As idéias de toda ordem - religiosas, filosóficas, morais, jurídicas, artísticas e políticas - não se desenvolviam por si mesmas como entidades substantivas, condensadas no ápice pela Idéia Absoluta, identidade final entre Ser e Saber. O desenvolvimento das idéias era subordinado, dependente, predicativo. As idéias se sistematizavam na ideologia - compêndio das ilusões através das quais os homens pensavam sua própria realidade de maneira enviesada, deformada.

Re. Fechas  
de Feuerbach  
Essência do Cristianismo

Hegel  
Feuerbach

mada, fantasmagórica. A primeira e máxima ilusão, própria de toda ideologia, consistia justamente em lhe atribuir a criação da história dos homens. Sob o prisma da ideologia é que a história se desenvolve como realização da Idéia Absoluta, da Consciência Crítica, dos conceitos de Liberdade e Justiça e assim por diante. Ora, tais idéias não possuem existência própria, mas derivada do subtrato material da história.

Por conseguinte, a ideologia pertence ao âmbito do que Marx chamou depois de superestrutura. Tanto ele quanto Engels, em toda sua obra posterior, empregaram o termo sempre no sentido exposto em *A Ideologia Alemã*. Conquanto fizessem numerosas análises extremamente ricas de formas e manifestações da ideologia, o sentido fundamental não mudou. Ou seja, o da ideologia enquanto consciência falsa, equívocada, da realidade.

Porém consciência necessária aos homens em sua convicção e em sua atividade social. Consciência falsa que não resulta de manipulação calculista, de propagandismo deliberado, mas da necessidade de pensar a realidade sob o enfoque de determinada classe social, no quadro das condições de sua posição e funções, das suas relações com as demais classes, etc. Manipulação e propagandismo têm sua matriz na ideologia, como traduções a níveis culturais inferiores e para enfrentamento de injunções imediatistas.

Uma das elaborações mais profundas do conceito de ideologia é a teoria marxiana do fetichismo da mercadoria, do capital e de outras categorias da economia burguesa (lucro, juros, renda da terra e salário). Na fase final de sua vida, Engels deu atenção especial à questão da ideologia e fez autocrítica de certo unilateralismo de abor-

daquem, por parte dele e de Marx. É desta fase a célebre afirmação engelsiana sobre a determinação econômica em última instância. As ideologias se desenvolvem com algum grau de autonomia, de acordo com a matéria tradicional específica acumulada. exercem influência reativa sobre a base econômica e condicionam as formas do desenvolvimento histórico.

À sua própria teoria Marx e Engels nunca chamaram de ideologia. Consideravam sua teoria como reconstrução científica da realidade social e, ao mesmo tempo, expressão dos interesses de classe do proletariado. Implicitamente, isto significava que o proletariado era a única classe capaz de se libertar da ilusão ideológica em geral e alcançar a visão objetiva correta da história humana e da sociedade existente.

Não obstante, o conceito de ideologia ganhou significados diferentes na história do marxismo. Lenin se referiu à ideologia socialista como sinônimo do marxismo. Ou seja, da teoria científica revolucionária. Assim, a ideologia não era em todos os casos uma consciência falsa da realidade. No caso da classe operária, a ideologia socialista é uma consciência verdadeira da sociedade.

O conceito de ideologia encontrou abordagens diversificadas em Kautsky, Plekhanov, Bukharin, Gramsci e Lukács. Fora do campo do marxismo, porém sob sua influência, ganhou relevo a abordagem de Mannheim. Trata-se de conceito cujo significado continua em disputa e por consequência, toda sua aplicação discursiva e historiográfica. A importância de *A Ideologia Alemã* consiste em ter sido a obra germinativa desta discussão fecunda no campo do pensamento social.



Surpreende que Pierre Villar afirme que falta em *A Ideologia Alemã* o conceito central de modo de produção, donde uma visão sociológica bastante vaga e não suficientemente fundada. Se é verdade que o materialismo histórico se apresenta nesta obra em esboço, se é verdade que a terminologia sofrerá posterior refinamento, só pode ser atribuído a equívoco do historiador francês a suposição da ausência do conceito certamente central do materialismo histórico. Em diversas passagens de *A Ideologia Alemã*, fala-se em modo de produção com o mesmo significado que terá nas obras marxianas posteriores, conquanto sem o aprofundamento delas.

A história é, em primeiro lugar, a história da sociedade civil, não a história do Estado. As formas de intercâmbio a princípio se apresentam como condições da produção material. Mais tarde, convertem-se em travas desta produção. A forma de intercâmbio existente é substituída por outra nova, de acordo com as forças produtivas desenvolvidas. Em cada fase, as condições de intercâmbio correspondem ao desenvolvimento simultâneo das forças produtivas. A história se apresenta, assim, como sucessão de formas de intercâmbio e de modos de produção. Estava aí delineada já a lei da correspondência necessária entre as forças produtivas e as relações de produção, axial na concepção do materialismo histórico.

Dentro desta concepção, pela primeira vez sistematizada, é que Marx e Engels expõem uma síntese do desenvolvimento histórico, valendo-se dos conhecimentos positivos que a Historiografia da época lhes oferecia. Dão ênfase às mudanças de formas de propriedade, em conformidade com as mudanças das formas sociais de produção.

Relações de produção  
↓  
Formas de propriedade  
↓  
Formas de produção

Apesar das falhas, decorrentes de insuficiências dos próprios autores, a exposição é brilhante e representou uma revolução historiográfica. Aqui e ali, certas afirmações podem até chocar pela simplificação. Como, por exemplo, para validar a tese da universalização dos vínculos econômicos pelo capitalismo, a afirmação de que a luta do povo alemão por sua independência, em 1813, resultou da escassez de café e açúcar provocada pelo bloqueio continental imposto por Napoleão. Em conjunto, não obstante, tem-se a primeira explicação geral do desenvolvimento da sociedade humana à luz do materialismo histórico. As idéias cardeais do rascunho serão difundidas, de maneira depurada e concisa, no Manifesto do Partido Comunista, publicado no início de 1848.

A história já aparece como história da luta de classes. É verdade que, em *A Ideologia Alemã*, o conceito de classe social ainda não está deslindado do conceito de estamento. Daí formulações como as de que a burguesia já era uma classe e não um simples estamento e de que, ao se desenvolverem, os estamentos se convertem em classes, o que só ocorreria na sociedade burguesa. No Manifesto do Partido Comunista, a indefinição é corrigida e o texto começa com a taxativa declaração de que a história sempre foi a história da luta de classes, remontada às lutas entre homens livres e escravos, na Antiguidade, e abrangente das lutas entre as categorias estamentais da sociedade feudal.

Numa passagem do manuscrito, que os autores riscaram, figura a tese de que "(...) não conhecemos senão uma ciência, a da história". A tese foi riscada provavelmente por ser fortíssima. Já havia o conhecimento humano chegado, em meados do século XIX, a um patamar

Classe  
como estamento  
de produção  
social

de contínua autonomização, especialização e pluralização das ciências. Marx e Engels não pretenderiam refutar este processo, o que seria reacionário. Queriam, no entanto, proclamar a dialética (portanto, a história) em todas as regiões do real. Daí também escreverem, no trecho riscado, que a história pode ser examinada sob os dois aspectos de história da natureza e de história dos homens. Aspectos que se condicionam reciprocamente, desde que os homens começaram a existir e a agir sobre a natureza.

7. Da Divisão do Trabalho às Ilusões Ideológicas

Sob influência da leitura dos economistas, particularmente de Adam Smith, os autores de A Ideologia Alemã enfatizam a incidência da divisão do trabalho no desenvolvimento histórico. Primeiro, na comunidade tribal, a divisão do trabalho se baseia na diferença dos sexos. Depois, toma por base as diferenças de forças físicas entre os indivíduos de ambos os sexos. Com o surgimento da divisão entre cidade e campo, as imposições naturais se tornam secundárias e avultam as condições sociais propriamente ditas. A formação da classe dos comerciantes, separada dos produtores, faz avançar ainda mais o processo da divisão social do trabalho. Deste processo se origina a propriedade nas suas diversas formas, desde a propriedade comunal tribal até a propriedade privada burguesa. Divisão do trabalho e propriedade são termos idênticos.

A divisão do trabalho alcança um patamar superior quando se separam o trabalho manual do trabalho intelectual. Este último passa a ser função privilegiada de

Até q' isto 5 de set, 2 aspectos da Hist. ??

Fundada com a discussão das Formas sociais da Terra e da cidade e do campo e da cidade e do campo. é o conceito de propriedade (forma de apropriação da div do trab) correspondente

No topo do m-trab se mostra de desemp. e tb. o topo da exprop. e da concentraç. extrema da prop. da aglomeraç. e se esp. da exprop. (pauze) e esp. alienador? -> deslocador e no limite de segna social?

certo segmento da classe dominante, o qual se dedica a pensar. A tarefa exclusiva de pensar se enobrece, enquanto se envilecem as tarefas exigentes de esforço físico, entregues aos indivíduos das classes dominadas e exploradas.

Uma vez que a tarefa de pensar (isto é, de realizar elaborações intelectivas e de exercer a direção da sociedade) se torna privilégio de estreito círculo de indivíduos, isentos da obrigação do trabalho produtivo, a consciência destes indivíduos dominantes se entifica na idéia da Consciência substantivada e colocada no reino das abstrações imateriais. A Consciência entificada se imagina ser algo mais e algo distinto da prática existente. Imagina que representa realmente algo sem representar algo real. Desde este instante, acha-se a consciência entificada em condições de emancipar-se (ficticiamente) do mundo e entregar-se à criação da teoria "pura", da teologia "pura", da moral e da filosofia "puras" etc. Perde-se de vista o substrato material de tais criações e são elas que parecem propulsoras do desenvolvimento material.

Dentro da própria classe dominante, observa-se a divisão entre seus membros ativos, ocupados com a prática da dominação, e seus membros intelectuais, encarregados de elaborações ideológicas. Ou seja, da criação de ilusões sobre a dominação de classe à qual pertencem. Pode-se dar até que membros ativos e membros intelectuais da classe dominante entrem em discordâncias, mas estas se desvanescem assim que a classe em conjunto vê ameaçadas as bases de sua supremacia.

Desvendadas a origem e a formação da ideologia e do idealismo filosófico em particular, Marx e Engels po-

Atenção q' espaço dos descartados/marginalizados integrados do XIX sc. - da qual q' estas XX sc. nasce? na transição? n se vê e se se agrava de lado do esp. e q' moram?

Ideologia como Expropriação da Consc.

Ideologia da Intellecto. Lid. da mente.

Ideologia Idealismo

dem ir muito mais longe do que Feuerbach na crítica a Hegel. Na filosofia da história deste último, as idéias são o fator dominante no devenir histórico e, por antonomásia, das idéias diversas e sucessivas se abstrai a Idéia Absoluta. A filosofia especulativa de Hegel considera somente o autodesenvolvimento do conceito, processo que se realiza imune às determinações da vida material concreta. Na história, o que Hegel vê é a "verdadeira teodiceia".

Separadas as idéias dos indivíduos dominantes, que as pensam, e estabelecidos os mistérios, os quais aparecem como autodeterminações espirituais, torna-se possível compor uma Historiografia idealista. Por sua vez, esta Historiografia nutre de ilusões os ideólogos em geral, não só os filósofos, mas também os juristas e políticos, inclusive os estadistas práticos. As relações existentes entre os homens não se determinam pelo que eles são e fazem na vida material concreta, porém derivam do conceito de homem, do homem imaginário, da essência imponderável e imutável do homem, enfim, do homem por antonomásia, por depuração e idealização metafórica.

### 8. Estado e Classe Dominante

A partir desta análise da formação social das ideologias, Marx e Engels revolucionaram a teoria política. Pela primeira vez na história das idéias políticas, o Estado deixou de ser concebido como entidade representativa dos interesses gerais e comuns da sociedade. Marx e Engels indicaram a vinculação do Estado aos interesses de determinada classe social, isto é, aos interesses da classe dominante.

Com a divisão do trabalho, dá-se uma separação entre o interesse particular e o interesse comum. Os atos próprios dos indivíduos se erguem diante deles como poder alheio e hostil, que os subjuga. O interesse comum se erige encarnado no Estado. Autonomizado e separado dos reais interesses particulares e coletivos, o Estado se impõe na condição de comunidade dos homens. Mas é uma comunidade ilusória, pois o Estado, por baixo das aparências ideológicas de que necessariamente se reveste, está sempre vinculado à classe dominante e constitui o seu órgão de dominação. Por consequência, as lutas de classe, que dilaceram a sociedade civil, devem tomar a forma de lutas políticas. De lutas travadas sobre o terreno do Estado enquanto poder geral e representante superior da própria sociedade civil.

Não é o Estado que cria a sociedade civil, conforme pretendia Hegel. Ao contrário, é a sociedade civil que cria o Estado. A sociedade civil é o verdadeiro lar e cenário da história. Abarca todo o intercâmbio material entre os indivíduos, numa determinada fase do desenvolvimento das forças produtivas.

A fim de evitar sua dissolução pelas contradições de classe, a sociedade civil deve se condensar no Estado e se apresentar enquanto Estado. Isto é, enquanto ilusão de um interesse comum sobreposto às contradições de classe e capaz de encobrir a dominação de uma classe sobre as outras.

A força multiplicada decorrente da cooperação entre os homens gera um poder social que adquire a forma do Estado e aparece a estes homens não como poder deles próprios, porém como poder alienado, à margem dos homens e fora do alcance do seu controle.

Somente nesta passagem de A Ideologia Alemã se utiliza o termo alienação, tão freqüente nas obras anteriores de Marx, principalmente nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844. E, mesmo nesta passagem, os autores declararam que só falam de alienação para se tornarem compreensíveis aos filósofos. Tal declaração anuncia que os autores não mais se consideram epígonos de Hegel, mas fundam novo método de pensar e novo campo do saber, possuidor também de nova terminologia.

Principalmente com a aceitação da teoria do valor-trabalho de Ricardo, tornada explícita logo depois em Miséria da Filosofia, o conceito de alienação deixou de ser o eixo do sistema categorial marxiano. Dele não desapareceu, contudo. Em certos casos com a denominação de feichismo, ganhou o conteúdo materialista das relações concretas entre os homens.

Assim como o Estado é o Estado da classe dominante, as idéias da classe dominante são as idéias dominantes em cada época. A classe que exerce o poder material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, seu poder espiritual dominante. Mas os enlaços das idéias dominantes com a classe dominante se obscurecem. As idéias dominantes parecem ter validade para toda a sociedade. Isto é, também para as classes submetidas e dominadas. Forja-se a ilusão histórica de que cada época da vida social resulta não de determinados interesses materiais de uma classe, mas de idéias abstratas como as de honra e lealdade (na sociedade aristocrática) e as de liberdade e igualdade (na sociedade burguesa).

9. Visão Científica do Comunismo

Toda classe que aspira a implantar sua dominação deve começar pela conquista do poder do Estado; a fim de apresentar seu interesse particular com o aspecto de interesse geral. De semelhante exigência não se exceptua o proletariado, que objetiva a abolição de todas as formas de dominação e exploração. A classe revolucionária demonstra seu caráter revolucionário de antemão, já pelo fato de contrapor-se a uma classe não como outra classe, senão como representante de toda a massa da sociedade ante a classe única, a classe dominante. Aqui, já temos a tese de tanta importância para a teoria política do marxismo acerca da hegemonia do proletariado, acerca do seu papel de direção de todos os oprimidos e explorados contra o domínio burguês.

O proletariado conquista o Estado para libertar a sociedade da tutela do Estado. Esta tutela se torna um poder intolérável diante da massa da humanidade absolutamente despossuída e em antagonismo com o mundo das riquezas.

Com a regulação comunista da produção e a anulação do comportamento dos homens diante dos seus produtos como diante de algo estranho a eles, anula-se o poder da concorrência mercantil. Esboçada em A Ideologia Alemã, a tese será desenvolvida no célebre trecho do primeiro capítulo de O Capital, que trata do feichismo da mercadoria.

O comunismo significará a eliminação do trabalho. O termo é entendido por trabalho forçado, conforme o impunha aos homens a divisão obrigatória do trabalho. O homem da sociedade comunista - o homem total - será capaz de transitar livremente de uma tarefa a outra

Possibilidade de realizar obra de produtividade  
lucrativa



inéditos em vida de Marx, conforme já vimos. A análise sistematizada veio com a obra de Engels *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*.

O materialismo do autor de *A Essência do Cristianismo* padecia do mesmo defeito de todo materialismo até então: o de só apreender o mundo sensível enquanto objeto ou intuição e não como atividade humana concreta, como prática. Por isso, este materialismo contemplativo se satisfazia enquanto teoria. Contentava-se em ver o mundo na sua imutabilidade, sem conceber que se tratava de transformá-lo.

Daí que – escreveu Marx na primeira tese sobre Feuerbach, numa passagem de rara relevância –, o aspecto ativo (do homem) tinha sido desenvolvido pelo idealismo em oposição ao materialismo. O que o idealismo só fez de maneira abstrata, uma vez que não conhece a atividade real, concreta. Nesta passagem há o registro do mérito fundamental do idealismo clássico alemão, da corrente filosófica de Kant, Fichte e Hegel, ao tempo em que é apontada sua natureza puramente intelectual.

Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels se dizem materialistas práticos no mesmo sentido em que se dizem comunistas. Prático se opõe a contemplativo. Enquanto o materialista prático tem o compromisso de revolucionar o mundo existente, Feuerbach sustenta que o ser do homem é sua essência. Assim, o ser humano se satisfaz com esta essência, uma vez recuperada da alienação religiosa. Em vez da dialética revolucionária, a abstração do imutável.

O materialismo de Feuerbach se manifesta na concepção do homem como ser corpóreo, ser natural. É um materialismo ausente no âmbito em que o homem é ser

social e faz história. No âmbito da vida social do homem, Feuerbach exhibe um idealismo ingênuo e trivial. Na sua filosofia, materialismo e história estão completamente divorciados. Como Engels depois afirmou, Feuerbach era materialista embaixo, defrontado com a natureza, mas idealista por cima, defrontado com a sociedade humana. Apesar do seu materialismo, Feuerbach faz do homem um conceito abstrato. É o homem biológico, puro ser da natureza. As supremas relações humanas são as do amor e da amizade. Relações idealizadas, que nada têm a ver com as relações sociais históricas.

Acontece que o homem, justamente pelo caráter de ser social, mantém uma relação ativa com a natureza (não uma relação meramente fisiológica). Tal como a conhecemos hoje, a natureza já não é a original. Foi transformada pelo homem. O que não exclui a prioridade da natureza exterior dos pontos de vista ontológico e epistemológico. Só que esta prioridade não deve impedir o reconhecimento do homem enquanto ser ativo. Enquanto ser distinto da natureza da qual emerge.

Na oitava tese sobre Feuerbach, escreveu Marx que a vida social é essencialmente prática. Os mistérios, que desviam a teoria para o misticismo, encontram solução racional na prática humana e na sua compreensão. Portanto, nos momentos do agir e do pensar interligados. Se a prática é critério da verdade objetiva para o materialismo dialético, daí não se segue a confusão deste com alguma espécie de pragmatismo. Trata-se de transformar o mundo, conforme a undécima e mais célebre das teses. Mas a transformação do mundo implica e pressupõe a interpretação correta deste mesmo mundo. A prática é fonte, impulso e sanção epistemológica da teoria. Con-

densação e guia da prática, a teoria se converte em força da história.

Airé então, o materialismo tinha sido contemplativo, pura teoria. O novo materialismo de Marx e Engels é crítico e revolucionário. Da filosofia de Hegel extraiu seu núcleo racional – a dialética. Nos quadros do sistema hegeliano, a dialética se submete a mistificações especulativas. Na concepção materialista, identificou-se ao dever real da natureza e da história. Perdeu o caráter especulativo, desfez-se das construções arbitrárias requeridas pela cosmovisão idealista. Em vez disso, converteu-se em método de pensar o real, pois adequado ao real. Se-  
vera disciplina do pensar que objetiva reproduzir conceitualmente o real na totalidade inacabada dos seus elementos e processos.

Jacob Gorender

### Bibliografia

- Althusser, Louis. *Pour Marx*. Paris, Maspero, 1967.  
 Bukharin, Nikolai I. *La Théorie du Materialisme Historique*. Paris, Anthropos, 1967.  
 Engels, Friedrich. "Esbozo de Crítica de la Economía Política". In Marx e Engels. *Escritos Económicos Varios*. México, Grijalbo, 1966.  
 Engels, Friedrich. "Contribución a la Historia de la Liga de los Comunistas". In Marx e Engels. *Obras Escogidas*. Tomo II. Moscou, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1952.  
 ———. "Ludwig Feuerbach y el Fin de la Filosofía Clásica Alemana". *Ibid.*

- . "Cartas". *Ibid.* (Ver cartas a J. Bloch, K. Schmidt, F. Mehring e H. Starckenburg).  
 Feuerbach, Ludwig. *La Essencia del Cristianismo. Crítica Filosófica de la Religión*. Buenos Aires, Ed. Claridad, 1941.  
 Fontana, Josep. *Historia: Análisis del Pasado, y Proyecto Social*. Barcelona, Editorial Crítica, 1982.  
 Gramsci, Antonio. *Il Materialismo Storico e la Filosofia di Benedetto Croce*. Turim, Einaudi, 1940.  
 ———. *Gli Intelletuali e l'Organizzazione de la Cultura*. Turim, Einaudi, 1949.  
 Hegel, G. F. W. *Ciencia de la Lógica*. Buenos Aires, Hachette, 1956.  
 ———. *La Phénoménologie de l'Esprit*. Paris, Aubier, 1939.  
 ———. *Lineas Fundamentales de la Filosofía del Derecho*. Buenos Aires, Claridad, 1939.  
 ———. *The Philosophy of History*. Nova York, Dover Publications, 1956.  
 ———. *Leçons sur l'Histoire de la Philosophie*. Paris, Gallimard, 1954.  
 Kant, Immanuel. *Critique de la Raison Pratique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1949.  
 ———. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.  
 Lenin, V. I. "Que Hacer?". In *Obras Escogidas*. Tomo I. Moscou, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1948.  
 Lenk, Kurt. *El Concepto de Ideología*. Buenos Aires, Amorrortu, 1974.  
 Lukács, Georg. *Histoire et Conscience de Classe*. Paris, Éditions du Minuit, 1960.  
 Mac Lellan, David. "A Concepção Materialista da História". In *História do Marxismo*. Tomo I. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.  
 Mannheim, Karl. *Ideologia e Utopia. Introdução à Sociologia do Conhecimento*. Porto Alegre, Globo, 1956.

- Marx, Karl. "Différence de la Philosophie de la Nature Chez Démocrite et Épicure". In *Oeuvres Complètes*. Tomo I. Paris, Costes, 1946.
- . "Contribution à la Critique de la Philosophie de Droit de Hegel". *Ibid.*
- . "La Question Juive". *Ibid.*
- . "Critica della Filosofia Hegeliana Del Diritto Pubblico". In *Opere Filosofiche Giovanili*. Roma, Rinascita, 1950.
- . "Manoscritti Economico-Filosofici de 1844". *Ibid.*
- . *Miséria da Filosofia. Resposta à Filosofia da Miséria do Sr. Proudhon*. São Paulo, Ciências Humanas, 1982.
- . *Para a Crítica da Economia Política*. (Prefácio). Coleção Os Economistas. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- Marx, Karl e Engels, Friedrich. *The Holy Family or Critique of Critical Critique*. Moscou, Foreign Languages Publishing House, 1956.
- . *La Ideologia Alemana*. Montevideu, Pueblos Unidos, 1958.
- . *Manifeste du Partii Communiste*. Paris, Éditions Sociales, 1962.
- Vilar, Pierre. "Marx e a História". In *História do Marxismo*. Tomo I. *Op. cit.*

## Cronologia

1817. Agitação nacional e liberal na Alemanha
1817. 5 de maio: Nasce Karl Marx, em Trier. Seu pai é advogado.
1820. 28 de novembro: Nasce Friedrich Engels, em Bar-men, onde seu pai é dono de uma empresa têxtil.
1830. Revolução de julho na França. Luís Filipe substitui Carlos X. Na Polónia e na Alemanha há repressão aos movimentos.
1835. Marx inicia seus estudos superiores em Bonn e os prossegue em Berlim, onde frequenta o círculo dos Jovens hegelianos.
1836. A partir da Liga dos Banidos, a Liga dos Justos é fundada pelos operários e artesãos alemães em Paris.
1840. Sobre ao trono Frederico-Guilherme IV da Prússia.
1841. Marx se torna doutor em filosofia. Engels, que presta serviço militar em Berlim, liga-se aos Jovens hegelianos
1842. Marx inicia sua atividade jornalística, como redator-chefe do *Rheinische Zeitung*, jornal fundado em Colônia pelos líderes da burguesia liberal renana. Marx imprime ao jornal um tom radical de

esquerda. Em 2 de novembro, tem um primeiro encontro com Engels.

1843. *O Rheinische Zeitung* sofre interdição. Marx rompe com os Jovens hegelianos. Casa-se com Jenny von Westphalen, amiga de infância, filha de aristocratas reacionários, e vai para Paris. Colabora com os Anais franco-alemães, dirigidos por Ruge. Período feuerbachiano de Marx. *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel: A questão jurídica.*

1844. Revolta dos tecelões da Silésia. Em agosto, segundo encontro com Engels, selando uma amizade e colaboração duradouras. Período comunista-utópico de Marx. "Manuscritos de 44" (inéditos até 1932).

1844-1845. Redação de *A Sagrada Família*, publicada em fevereiro de 1845.

1845. Marx é expulso de Paris, refugia-se em Bruxelas, onde se encontra com Engels. Redação das *teses sobre Feuerbach* e, com Engels e Hess, de *A ideologia alemã*. No final de maio, Engels publica na Inglaterra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

1847. Marx redige *Miséria da filosofia*, como réplica à obra de Proudhon *Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria*. A Liga dos justos transforma-se na Liga dos comunistas, que realiza neste mesmo ano seus dois primeiros congressos. Marx funda em Bruxelas a Associação operária alemã, onde faz uma conferência sobre *Trabalho assalariado e capital*.

1848. Período revolucionário generalizado na Europa. Na França, a república é proclamada. Em Colônia, Marx funda a *Neue Rheinische Zeitung*, que se dis-

solve após o esmagamento da sublevação das províncias renanas. Marx refugia-se em Londres, onde irá viver por mais de trinta anos.

1852. *O 18 Brumário de Luís-Napoléon Bonaparte*.

1859. *Contribuição à crítica da economia política*.

1864. É fundada em Londres a Primeira Internacional Comunista.

1867. Livro I de *O Capital*.

1871. *A guerra civil na França*.

1875. *Crítica do programa de Gotha*.

1883. Morre Karl Marx.